

# A COMPAIXÃO DE JESUS

## Paradigma e opção de vida

*Elisa Silva Sánchez*  
*elisasilva63@gmail.com*

*Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses,  
deixa de haver espaço para os outros,  
já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus,  
já não se goza da doce alegria do seu amor,  
nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem.  
Este é um risco, certo e permanente,  
que correm também os crentes.  
Muitos caem nele,  
transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida.  
Esta não é a escolha duma vida digna e plena,  
este não é o designio que Deus tem para nós,  
esta não é a vida no Espírito  
que jorra do coração de Cristo ressuscitado*

(EG 2)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar, que a missão de Jesus, hoje, é para o missionário/a, para o religioso/a ou para qualquer cristão, um grande desafio. Propomos, portanto, como base “sine qua non” a importância de buscar novos paradigmas que falam a cultura de hoje. Pode haver muitos paradigmas, aqui queremos reiterar mais uma vez que viver com Jesus uma experiência fundamental de compaixão e contemplação é vital na vocação e a opção da vida missionária de hoje. Através de uma análise da realidade baseada na visão de diferentes autores modernos de esfera religiosa, propomos, simbolicamente, o discípulo João e sua experiência mística, espiritual e de compaixão, tentando seguir o processo de conversão, através alguns textos do Evangelho. Desta maneira ao falar que a compaixão sem a contemplação não é a compaixão de Jesus. Para isso, é necessário estar ciente de viver e de propor uma nova maneira de ser, com base na contemplação da realidade que transforma toda a pessoa. Tudo isso levará ser mais conscientes de nossa inteligência espiritual, que está criando em nós uma consciência contemplativa é o resultado de uma rede forte e profunda de relações que são criadas através de uma visão mais abrangente, holística, global e integrada

*da mim mesmola, o mundo, dos outros e de Deus, onde através desta relação com Deus, Ele continua nos dizendo: “Dentro de mim, os dois ao pareio, um para o outro, nos vamos fazendo”.*

**ABSTRACT:** *This article wants to humbly present that, the mission of Jesus today, as it is for the missionary, for the religious or for any Christian, a great challenge. That is why we propose as a basis “sine qua non” the importance of searching for new paradigms that speak to current cultures. There may be so many paradigms, here we want to reiterate once again that living with Jesus a founding experience of compassion and contemplation is vital in the missionary’s vocation and life choice today. We propose in a symbolic way, through an analysis of reality based on the vision of different modern religious authors, the disciple John with his mystical, spiritual and compassionate experience, following his conversion process through some texts of his Gospel. In this way we can say that compassion without contemplation is not the compassion of Jesus. To achieve this is necessary to be conscious of living and proposing a new way of being, based on the contemplation of the reality that transforms the person all together. All this will lead us to become more aware of our spiritual intelligence, which is creating in us a contemplative consciousness, as a fruit of a strong and deep network of relationships that are created through a more inclusive, holistic, global and integrative perspective of ourselves, the world, the others and God. Through this relationship with God, He continues saying us: “Within me, the two at the same time, one towards the other, we are been made”.*

## I. A COMPAIXÃO, PARADIGMA DO CRENTE

*“Ao desembarcar, viu uma multidão, sentiu compaixão deles ...”  
(Mc 6, 34)*

*1. A compaixão de Jesus no impulsiona a nós, missionários religiosos, e a cada cristão a procurar novas formas de compreender a realidade num tempo e num espaço que de profundas transformações.*

Atualmente, estamos vivendo uma época de transformações, que na realidade, a Igreja tem que correr se quer ser sinal credível para as gerações de hoje. Falar de Jesus e ser testemunha dele no mundo atual, não é fácil nem para a vida consagrada, nem para o missionário (leigo ou religioso) que trabalham em áreas de fronteira geográficas ou existenciais.

No discurso na Conferência de Líderes Religiosas (LCWR) em agosto de 2014, Nancy Schreck, OSF, lembrou que vivemos em um “espaço intermédio” uma área de escuridão fértil, rica em possibilidades nova e inimaginável vida, ela descreve como um espaço do “surgimento de algo novo”, onde se produzem grandes mudanças na nossa visão de mundo e da cosmologia, com a ruptura simultânea de grande parte do que é familiar”.<sup>1</sup>

Ser cientes que estamos vivendo neste tempo de transformações, “espaço intermédio” resulta difícil de aceitar, porque é sempre mais fácil seguir num mundo que há décadas construímos. Mudar esquemas, estruturas, tradições que tiram o movimento e ousadia, é um desafio para o indivíduo e para a instituição. Mudar linguagens, símbolos, hábitos implica transformação, implica viver uma “páscoa”, nos leva a morrer para renovar. Essas mudanças não são realizadas de maneira solitária, precisamos de uma inspiração e uma graça que só vem do Alto. Tudo isso só é possível se tocamos, entramos e experimentamos aquilo que emana das profundezas de Deus, no seu coração.

Neste tempo de transformações a história nos está levando para viver algo que, provavelmente, não está claro para nós.

Karl Rahner capta bem a riqueza e a possibilidade deste espaço intermédio de escuridão quando escreve:

*Quando eu digo que pode encontrar de imediato a Deus no seu tempo também, como no meu, realmente quero dizer a Deus, ao Deus do além de todo o entendimento, mistério, além das palavras, a escuridão que é a luz apenas para aqueles que se deixam tragar pela incondicionalidade, o Deus que está além de todos os nomes.*<sup>2</sup>

Albert Nolan no livro “Jesús hoy”, descreve a realidade pós-moderna da seguinte maneira:

---

<sup>1</sup> SCHRECK, Nancy, o.s.f. *However Long the Night: Holy Mystery Revealed in Our Midst*. Discurso na assembléia de 2014 da LCWR, pp. 8 – 11.

<sup>2</sup> RAHNER, Karl. *Spiritual Writings*. Edición e introducción de Phillip Endean. Maryknoll, New York: Orbis Books, 2004, p. 80.

*No final do século passado, os grandes regimes entraram em colapso, deixando-nos com um superpoder, que agora parece empenhado na guerra contra o terrorismo, ignorando a destruição ecológica da terra. Não é estranho que tenhamos uma geração que é cética em relação a todas as ideologias. E as ideologias religiosas sofreram o mesmo destino. Os escândalos abalaram as igrejas e minaram sua autoridade. Muitas pessoas pensam hoje que todas as autoridades religiosas parecem exclusivas, criadoras de divisão e opressoras (especialmente das mulheres). Há um fascínio com vampiros, alienígenas, magia, ocultismo e sobrenatural. As pessoas não necessariamente acreditam nessas coisas, simplesmente se sentem fascinadas (considere a saga de filmes de Harry Potter, Senhor dos Anéis, Amanhecer, etc.).*

*Porém a um nível mais profundo, muitas pessoas se sentem totalmente inseguras hoje. Parece que tudo o que ouvimos são más notícias: guerras, assassinato, abuso, violência institucional, terrorismo, destruição do meio ambiente, para não mencionar terremotos, tsunamis, furacões. Diante de tudo isso, os sentimentos de insegurança e desespero são inevitáveis. A maioria dos seres humanos vive hoje num estado de desespero reprimido, tentando encontrar maneiras de distrair-se para não ver as duras realidades do nosso tempo.<sup>3</sup>*

Perante esta realidade, o desafio necessário para nós religiosos e missionários é dar um significado, um novo sentido para a nossa missão que é compreendida de forma diferente tal como a entendemos dentro da instituição, e muito mais se nos damos conta das mudanças que teve o conceito de Missão *Ad gentes* na Igreja e em nossos institutos.

O Padre Simón Pedro Arnold, OSB, apresenta na “*Era da borboleta*”<sup>4</sup> uma descrição sobre a configuração dos cenários dos institutos religiosos:

---

<sup>3</sup> NOLAN, Albert. *Jesús hoy, una espiritualidad de libertad radical*. Santander: Ed. Sal Terrae, 2007.

<sup>4</sup> ARNOLD, Simon Pedro, osb. La era de la mariposa, nuevos paradigmas y espiritualidad de la vida religiosa. Revista: *Recursos de formación permanente*. Misioneros del Verbo Divino, n.16, 2015. Argentina.

*O principal desafio para nós, portanto, é a “desclericalização” de nossas mentes, de nossos estilos e de nossas obras. Urge retornar a nossa identidade a partir da margem, dos novos cenários e do Evangelho. Definitivamente, a Vida Consagrada não é a “elite” do sistema institucional, mas uma escola de discipulado no hoje da cultura e da história. Para efetivar esta conversão e este “retorno profético” ao nosso carisma, é indispensável romper com o modelo burguês inconsciente que caracteriza o nosso estilo de vida e nossa mentalidade, para repensarmos e revitalizarmos como uma “parábola do Reino”.*

A segunda tarefa tem a ver com o campo da ética e da moral, da subsequente alteração de ascetismo, própria de todo caminho de conversão. Ninguém duvida que estamos passando por uma grave crise ético-moral. Nosso estilo de vida e nosso mundo relacional, que se trate da afetividade-sexualidade, do poder ou da economia, estão muitas vezes em contradição com Evangelho.

Nestes três âmbitos, somos inconsistentes e incoerentes. Isso explica por que, com um ascetismo e uma moral “light”, a Vida Consagrada cria modelos que chamaria de “patógenos”, tanto no comportamento afetivo-sexual, como no exercício da autoridade ou da gestão dos bens. Produzimos patologias que, muitas vezes, não nos fazem felizes.

A chave que abre todas as portas de nosso labirinto atual, talvez, tenha a ver com *a crise mística da Vida Consagrada*. Nossa opção de vida, que deveria ser uma rica escola mística do discipulado, adoece de uma pobreza espiritual catastrófica.

Pe. Arnord continua afirmando que o primeiro espaço onde é experimentado este drama é a liturgia. Nosso modo de celebrar tornou-se quase estéril, rotineiro, defasado. Pergunto-me seriamente se acreditamos, realmente, o que dizemos e o que celebramos na liturgia. Nosso mundo ritual, além de ser muito pobre, parece estar rompendo com o mundo real dos signos e significações em que nos movemos na vida real.

*No diálogo com a ciência, a situação atual coloca uma questão fundamental: em que medida o discurso do religioso (teologia, ritualidade, dogmática, etc.) ainda é capaz de explicar o “como” do*

*mundo e do universo, até mesmo para lhe dar sentido? Deixemos as velhas tentações mecanicistas, teístas e, enfim, materialistas do discurso que acreditamos. A função e a tarefa muito modesta não seria simplesmente interrogar a realidade a partir da fé e celebrar a fé a partir da realidade, de modo que o crente, a partir desta experiência mística, se compromete consciente e livremente com esta realidade? O que nos resta então? Para nós, cristãos, a única coisa que nos resta é Jesus e sua Palavra e ponto.<sup>5</sup>*

Diante dessa realidade, quais seriam as novas formas que nos ajudariam a entender e renovar nossa presença, linguagem e nossas agir neste mundo que se encontra em constante mudança?

*2. Penetrar no coração compassivo de Jesus, experiência mística, espiritual e fundante, “sine qua non”, para a missão.*

A figura do discípulo João nos convida a fazer um percurso nos Evangelhos por meio do qual nos mostra o caminho da conversão, do amor e da escuta do coração de Jesus, onde apenas uma relação profunda com o Senhor o leva a ser solidário com Jesus, com o seu projeto de vida e com o povo. A figura de João, simbolicamente, é apresentada como um ícone, que poderia ser para nós uma nova maneira de penetrar o coração e a experiência mística de Jesus, fundamento de uma nova maneira do fazer e do ser missionário.

*a) João e seu caminho de conversão cotidiana.* João, conhecido como o discípulo amado de Jesus, fez um caminho de conversão e purificação como todos nós. A relação cotidiana com Jesus foi lentamente mudando sua visão da vida, da fé e do conhecimento de Deus. Através do Senhor, que lhe revela o rosto do Pai, chega a viver uma experiência mística, até o final dos dias dele.

Em poucos textos podemos vagamente perceber a mudança radical de mente e do coração que ajudaram a João para viver a experiência fundante no relacionamento cotidiano com Jesus.

---

<sup>5</sup> Ibid.

Em Marcos 9,38 vemos um João intolerante: *“Mestre, vimos um homem que expulsa demônios em teu nome, Mas nós lhe proibimos, porque ele não nos segue”*.

Em Lucas 9,54 o evangelista mostra um João vingativo: *“Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para acabar com eles?”*.

Em Marcos 10,35-37 captamos uma personalidade ambiciosa: *“Concedei que nos sentemos na tua Glória, um na direita e outro na esquerda”*.

Em Marcos 3,17 apresenta-se como um dos “filhos do trovão” pelo qual entendemos que o jovem era um barulhento, indisciplinado, revoltado, escandaloso...

É significativo como uma transformação da pessoa de João, tenha deixado na história da humanidade uma das experiências místicas mais profundas que ainda continua a tocar muitos corações, ajudando muitos homens e mulheres, a ter uma amizade com Jesus que não tem fim.

*b) João solidário ao projeto de Jesus.* João na Última Ceia encontra-se ao lado de Jesus e se abaixa para escutar o coração dele (Jo 13,25). *“Inclinando-se sobre o peito de Jesus, disse-lhe: ‘Senhor, quem é?’”*

Ser de Jesus não implica apenas segui-lo, precisa viver uma experiência *sine qua non* com ele, conhecendo o que se encontra, no mais profundo do ser, ouvir as batidas do coração e deixar-se transformar por ele.

O que significou para João escutar as batidas do coração de Jesus? João provavelmente entendeu o que para Jesus é mais importante: ser solidário com aquele que sofre, com o pobre, o abandonado, o excluído, o homem, a criação, etc. Tudo isso foi vivido por Jesus e fez surgir no interior do discípulo compaixão, misericórdia, dor no coração.

Pensamos que João viveu esta experiência de amor junto com Jesus, por isso, tocou e escutou as batidas do coração de Jesus, se solidarizou com a dor de Deus.

A compaixão, a misericórdia, a solidariedade com o irmão ou irmã que sofre, surge de uma experiência fundante, que faz da nossa missão, uma ação fértil, significativa, porque não só se solidariza com a dor do mundo, mas também com a dor Deus.

O que é importante para nós, homens e mulheres de Deus, é viver uma conversão que nos leve a tocar o coração de Deus, porque quando chegamos aí, como João, a vida já não é mais a mesma coisa!

*c) João e a intuição do modo de sermos.* Quando João escreve o novo mandamento, coloca-o num contexto muito especial, no momento mais íntimo que Jesus vive com os discípulos, na noite em que decide dar tudo pelos seus, a noite em que Jesus é oferecido para a humanidade. Nesta noite, cada homem e cada mulher recebe o maior presente dado ao mundo: sentir-se amado por Deus. Este é o verdadeiro amor que é oferecido até a morte.

Quem realmente acredita neste amor infinito, não pode não amar tudo o que existe no coração de Deus! Esta experiência leva desembocar na exigência de amor e solidariedade com os outros. Portanto, podemos dizer que o Amor de Deus nos obriga a uma sincera conversão, a ser humilde entregando-nos ao serviço dos outros. Aquele que chega a se comprometer nesta obra de amor com Deus, vive na certeza deste amor em seu coração e ele sabe que ele mesmo encontra-se no coração de Deus.<sup>6</sup>

*d) João inicia um novo modo de fraternidade universal.* João nunca abandonou Jesus. Outros sentiram a necessidade de compreender o Mestre, para era suficiente amar o Senhor. Qual seria a razão pela qual Jesus confiou sua mãe Maria a João? Maria provavelmente não entendia o que se passava, mas também ela escolheu a amá-lo. Entre eles três existia uma comunhão de vida e amor. Neles está representada a nova realidade da Igreja, que está unida no amor de Jesus. Escolheram amá-lo na cruz, escolheram amá-lo

---

<sup>6</sup> Cf. CARAVIAS, Jose Luis. *Cristo nuestra esperanza. El amor de Dios en el NT*. Madrid: Ed. HOAC 2013.

no Sábado Santo, escolheram amá-lo na Ressurreição. Diante deste mistério de dor e amor, Von Balthasar intui esta relação entre João e Maria e, assim, como disse numa entrevista *“se ser cristãos é colocar a existência na presença formadora de Maria, então, o lugar privilegiado é para aquele que recebeu Maria em sua casa”*.<sup>7</sup>

Esta nova força do amor foi o início de uma nova era de fraternidade universal e de solidariedade, a força do amor que nunca foi freado por ninguém. O novo mandamento que Jesus nos deixa Jesus mostra, acima de tudo comunhão que tem como fim a construção de uma nova humanidade em comunhão com Deus, com os irmãos e com este maravilhoso planeta. Isso é o que entendeu a primeira comunidade cristã: *“Todos eles perseveravam na oração, com o mesmo espírito ... e tinham um só coração e uma só alma ... com alegria e simplicidade viviam na comunhão dos bens materiais ...”* (At 1,14; 4,32).

Para estar em comunhão com Jesus e seu projeto, precisamos de uma mística: sermos capazes de colocar nossa inteligência espiritual para trabalhar. O mundo de hoje precisa de uma liderança espiritual que dá sentido à nossa presença e à nossa ação em qualquer âmbito em que nos encontramos: precisamos uma nova maneira de estar no mundo.

## II. A COMPAIXÃO SEM CONTEMPLAÇÃO NÃO É COMPAIXÃO

### *1. A contemplação: como transformação da pessoa no seu conjunto.*

Para nós, como religiosos, num contexto básico, é a história e a tradição da vida religiosa na Igreja católica, com a especificidade de vivê-la em toda plenitude nestes tempos. Os religiosos sempre foram homens e mulheres de oração, radicados no Evangelho e dedicados a serviço. O que aconteceu nos últimos 50 anos, ou mais, não tem mudado nada sobre isso. O que tem mudado são as formas de expressão da oração, a vivência do Evangelho e o

---

<sup>7</sup> BALTHASAR, H.U. von. Disponível em: <<https://gloria.tv/video/L3ZZaYKQWjY3i6-FGzfyjrYb>>. Acesso 11/01/2017.

serviço dedicado.<sup>8</sup> Provavelmente, hoje somos chamados a olhar a realidade desde uma perspectiva global, integradora e holística.

*A perspectiva global* nos ajuda a ampliar nosso campo de percepção, nos permite ver as possibilidades que poderíamos ignorar, contemplar o universo como um espelho que mostra algo sobre mim, nos ajuda a observar ampla e amorosamente, nos abre para o que é, pelo que é, sem julgar, nem classificar, nos conecta com a unidade fundamental de toda a realidade, nos abre a apreciação profunda da diversidade, nos conduz à conversão permanente de coração e mente, despojando de si mesmo e à opção para a vulnerabilidade, e à não-violência, em uma palavra, a viver a compaixão.

*A perspectiva integradora* nos leva para afinar o ouvido para escutar os clamores dos mais vulneráveis, abre-nos caminhos para experimentar Deus no contato afetivo e efetivo com os mais empobrecidos, tece vínculos de reconciliação, vive o companheirismo humilde e plural com a humanidade na busca de um outro mundo possível, chega ao profundo da alma e a contemplar o amor com o qual Deus toma forma em nós e nos prepara para a *quênose*.

*A perspectiva holística* está nos levando a entender através da ciência que a natureza não é dualista<sup>9</sup> na estrutura, o que significa que não vivemos num mundo do “um para o outro”, mas num mundo de “ambos/as”. A ideia de “ambos/as” nos ajuda a manter as polaridades juntas e lograr uma síntese mais profunda. Este pensamento não dualista nos leva necessariamente a uma postura contemplativa, para observar o que é, cumprida e amorosa. Verifica-se que tudo, sem exceção, está ligado com tudo o resto. Hoje os cientistas falam de “hólons” no lugar das partes e do conjunto. É uma forma de reconhecer que tudo é conjunto e parte de um conjunto mais amplo, reconhecendo também que o todo é sempre maior do que a soma das partes. Os “hólons” são modos diferentes de ser que formam parte de um modo mais complexo de ser.

---

<sup>8</sup> Cf. MCCARTHY, Mary, SP. *Cultivar los dones en lugares oscuros*. Conferencia a las Superiores Mayores, Roma, Dezembro, 2015.

<sup>9</sup> Cf. MARTINEZ LOZANO, Enrique. *Otro modo de ver, otro modo de vivir*. Desclée de Brower, 2014.

A ciência, especialmente a física quântica, tem gradualmente esclarecido, o fato de que vivemos numa realidade dinâmica, em constante progressão, sabemos que tudo está se movendo e em constante evolução. Desenhamos e usamos processos que honram a natureza dinâmica, interdependente e em evolução do conjunto. E continuamos abertos/os e disponíveis para a possibilidade de surgir algo completamente novo e inesperado. Vários autores assumem hoje a necessidade de abordar a realidade no conjunto de forma evolutiva. Alguns, como o beneditino alemão Jäger optariam por uma “teologia evolutiva”, onde todo o discurso sobre a realidade terá no futuro, que trabalhar a partir da evolução das consciências humanas, dentro do mais elevado conceito geral do universo em evolução. Mas o mais importante são os seres humanos que não controlam o universo. O que acontece é um mistério, porque o mistério não é o que está escondido, mas o que está presente em tudo o que existe.

A contemplação, mística, deixa de lado qualquer pesquisa ou o instinto de se agarrar; deixa os temores e desejos; põe de lado o como as coisas sempre foram ou deveriam ser, e simplesmente nos abre o que é. Vivendo em base a consciência contemplativa entramos em contato com a unidade fundamental de toda a realidade e nos abre energias dinâmicas de amor. Isto nos leva a uma profunda e genuína apreciação da diversidade em todas as suas formas. Realmente não se podem ler os sinais dos tempos e responder de um ponto de vista evangélico, se não estamos vivendo uma consciência contemplativa.

## *2. A consciência contemplativa, fruto da uma forte e profunda rede de relações.*

O campo de exploração científica que tem capturado talvez nossa imaginação, é a rede de relacionamentos. Nas congregações religiosas se enfatiza de forma constante e insistente, a necessidade de estar à procura da relação com Deus, consigo mesmo, com os outros e com toda a criação. Entendemos sempre mais que tudo existe é interligado. Cada vez mais percebemos que não há sucessos isolados, nem indivíduos separados dos relacionamentos.

Se enxergarmos tudo através do prisma da rede de relacionamentos, no fundo, afetará também a nossa maneira de ver e exercer o poder e a liderança. Vamos pensar e praticar a inclusão, a colaboração e a colegialidade. Vamos operar na base do respeito mútuo e o amor para a integridade de cada um do sistema e do sistema no conjunto.

Quando levamos muito a sério a rede de relacionamentos, entendemos o poder de maneira diferente. Começamos a praticar o que Bernard Loomer<sup>10</sup> chama de poder relacional em vez de *unilateral*. Um conceito unilateral do poder é entendido como a capacidade de exercer ou ter uma influência sobre alguém ou algo. Um conceito relacional de poder é entendido como a capacidade simultânea para produzir um efeito e receber um efeito, influir e deixar-se influenciar. Em outras palavras, é tão importante deixar-se mudar pelo outro, como ser capaz mudar o outro.

A fim de esclarecer dúvidas, consideremos por um momento o ato de esvaziamento de Jesus na encarnação. Amar é deixar-se mudar: *“Deus amou tanto o mundo”* (Jo 3,16). O fato de abrir-se à influência do outro, cria na pessoa um mundo muito mais amplo do que o da pessoa que teme ser influenciada.

Uma vez que levamos a sério a rede de relacionamentos, entendemos a dinâmica da comunidade de uma maneira diferente. Todos/as temos um lugar na mesa e um papel essencial a desempenhar. A visão vem do todo e pertence ao todo.

Jesus foi um homem de relacionamento, a experiência de fundação era seu Pai “ABBA”. Jesus se comove diante do mistério, diante da profunda proximidade e amor de Deus, sua mística é a fonte de sua profecia. Foi um pobre ao lado dos pobres marginalizados e excluídos. Tem um sentido forte de pertença a Algo (consciência holística): *“eu sou a videira, vós sois os ramos”* (Jo 15,5); *“que sejam um em nós, como tu e eu somos um”* (Jo 17,21); *“eu sou o caminho a verdade e a vida”* (Jo 14, 16).

---

<sup>10</sup> Cf. LOOMER, Bernard. Two conceptions of power. *Process Studies*. Vol. 6, n.1, Primavera 1976.

Para Jesus, primeiro vem a vida, cuidar, sarar, incluir, amar os que são mais vulneráveis. O vemos como um homem fraterno, sempre irmão compassivo, como mestre que escuta em profundidade, que sabe chegar ao coração como expressão viva de amor que proclama e ao qual pertencemos. Jesus é o Compassivo.

Jesus na relação com o Pai, com os outros e com o mundo, torna-se para nós o modelo de relacionamento, contemplação e compaixão. A experiência fundante e *sine qua non*, o paradigma de todo crente que entra neste novo modo de existência, dá sentido à vida dele e à vida.

Esta poesia mostra a beleza da relação constante e cotidiana com Aquele que é o Todo do universo e o mistério está presente em tudo o que existe.

#### *TU E EU NOS VAMOS FAZENDO*

*Não vi teu rosto quando saí de ti.  
Não foi uma despedida  
ali começou  
um encontro sem fim.*

*A cada tarde acrescento à minha tela  
um novo traço teu.  
A cada tarde acrescentas à tua tela  
um novo traço meu.*

*Dentro de mim,  
os dois ao mesmo tempo  
Um ao outro,  
Nos vamos fazendo.*

*(Benjamín González Buelta, sj)*

